

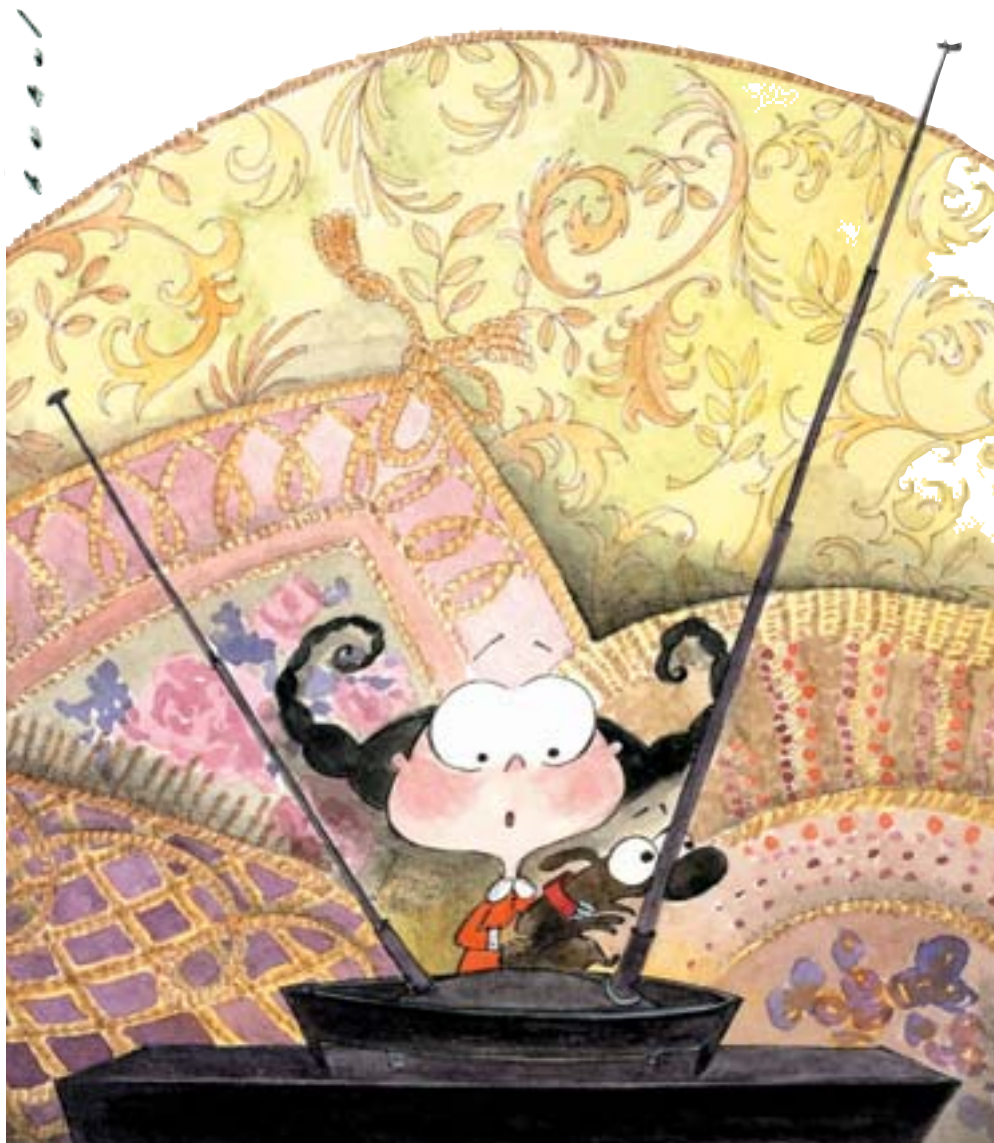
Logo depois do golpe de 1964, as autoridades organizaram, em Porto Alegre, uma exposição com material dito subversivo, apreendido na casa de esquerdistas e de militantes em geral. Figurava na amostra um livro, já bem antigo, ao lado do qual estava a legenda: "Livro subversivo em chinês". Era uma Bíblia em hebraico. Ao longo dos anos, histórias tragicômicas como essa se repetiriam, na medida em que a censura passou a fazer parte da rotina de governo. Nasceu daí uma verdadeira cultura do proibido, com curiosos símbolos. Os jornalistas odiavam a caneta hidrográfica Pilot. Por quê? Porque com ela os censores riscavam, nas provas dos jornais, os textos que não podiam ser publicados. Durante muito tempo, espaços em branco eram a regra em jornais, até que a censura decretou: o espaço das matérias censuradas tinha de ser preenchido de qualquer forma. E eram preenchidos: com receitas (o Anonymus Gourmet não teria mãos a medir) ou com os versos de *Os Lusíadas*. Nunca Camões foi tão lido. E, certamente, nunca foi tão detestado.



O golpe pertence ao passado, há jovens que nem sabem bem do que se trata. Mas muitas pessoas ainda lembram o período de exceção. E muitas pessoas têm verdadeira ojeriza à censura. Mencionar o termo é como falar em corda na casa de enforcado. E, recentemente, falou-se em censura. Falou-se muito em censura. Por causa de um regulamento anunciado pelo governo federal e que teria forma de uma portaria do Ministério da Justiça. Considerando, diz o documento, que "compete à União exercer a classificação, para efeito indicativo, de diversões públicas e de programas de rádio e televisão", propunha-se uma classificação indicativa de programas de televisão, a ser feita pelo Ministério da Justiça. A reação não tardou e foi veemente, gerando inclusive um manifesto assinado por artistas, diretores e intelectuais. O ministério editou, então, uma nova portaria, entregando às emissoras a autoclassificação indicativa.

Mesmo as manifestações mais esquisitas das pessoas (sob forma de livros, filmes, espetáculos) são produto de sua condição humana e encerram a possibilidade de ensinamento

O que é que tu estás vendo aí?



Ou seja: de alguma forma, o diálogo funcionou.



Vou dizer uma coisa que talvez surpreenda vocês: acho que as pessoas deveriam ver tudo, deveriam ter acesso a tudo, mesmo aos programas mais grosseiros de TV. Baseio-me para isto na frase do autor latino Terencio, que viveu cerca de dois séculos antes de Cristo. "Sou humano", dizia ele, "e nada do que é humano me é estranho". Ou seja, mesmo as manifestações mais esquisitas das pessoas (sob forma de livros, de filmes, de espetáculos) são produto de sua condição humana e encerram, portanto, a possibilidade de ensinamento. Mas, e este "mas" é muito importante, o acesso só deveria ocorrer mediante a percepção crítica. O que significa isso? Vamos ilustrar com um exemplo: uma criança está sentada, vendo um programa violento ou obscuro, coisa que, sabemos, não é tão rara assim. Esse é o momento em que o pai, ou a mãe, ou ambos devem sentar ao lado dela é perguntar: o que é que estás vendo aí? O que é que estão te mostrando? O que querem que tu penses?



Alguém dirá que, nas condições de vida atuais, isto é praticamente impossível, porque os pais mal convivem com seus filhos. Talvez. Mas não nos iludamos: é desta maneira que se desenvolve o senso crítico. O poder público tem a sua fatia de responsabilidade, as emissoras também, mas o papel fundamental é dos pais. Mesmo porque não se trata só de TV. Trata-se daquilo que as crianças e os jovens vêem na rua, o crime, a violência. Trata-se de entender o mundo, coisa que é indispensável. Os pais não podem delegar esta responsabilidade, não devem delegar esta responsabilidade. Porque ela significa estabelecer, com os filhos, vínculos afetivos duradouros. Programas de TV entram e saem de moda. A paternidade e a maternidade permanecem. Ainda bem, né? Ainda bem.



MEDICAMENTOS | FRAGRÂNCIAS | MAQUIAGENS
DERMOCOSMÉTICOS | COSMÉTICOS

Pharmacie é o novo conceito de dermofarmacia que a Top Internacional preparou especialmente para você!



top
Internacional

Shopping Iguatemi
F. 3334.2061

2º Piso, na Top Internacional

FORMATO B